



Sacramentos

Textos complementares
&
Exercícios



2011

Índice

O que são os Sacramentos?	2
Quais são os sacramentos?	2
Os efeitos dos sacramentos	3
Os elementos fundamentais dos sacramentos	4
Os Sacramentais	4
Questionário 1:	4
Resumo da Introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos (RICA)	5
Questionário 2:	8
<i>Mane Nobiscum Domine</i>	9
Questionário 3:	11
Espiritualidade Litúrgica a partir da Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>	12
Celebração da Eucaristia – estrutura atual	13
Normas Gerais para a Celebração da Eucaristia	16
Questionário 4:	18
Trabalho sobre o canto litúrgico	19
Questionário 5:	20
Glossário dos objetos litúrgicos e alfaia	21
Alguns aspectos que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia	23
Trabalho sobre os Erros e Abusos na Celebração da Eucaristia	25
O Ano Litúrgico	26
Reconciliação	30
Breve relação de obras indulgenciadas	31
Unção dos Enfermos	34
Sacramentos do Serviço: Matrimônio e Ordem	35

O que são os Sacramentos?

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIGC 1131):

“Os sacramentos são **sinais eficazes** da **graça**, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, através dos quais nos é dispensada a vida divina.”

a) **Sinal**: “O sinal é qualquer coisa que, para além do objeto que ele nos apresenta aos sentidos, *faz-nos pensar numa outra coisa diferente dela mesma*. Assim, quando encontramos passos marcados no chão, concluímos que alguém por ali deixou suas pegadas. O sacramento é sinal de uma coisa sagrada, ou, por outras palavras, **um sacramento é um sinal sensível de uma graça invisível**, instituído para nossa salvação.” (Santo Agostinho)

b) **Eficácia dos sacramentos**: “*Os sacramentos realizam seu efeito santificador*, desde que o ministro tenha a intenção de fazer o que Cristo faz mediante a sua Igreja, e aplique **a matéria e as palavras** essenciais a cada sacramento; o ministro pode ser indigno, mas o gesto sagrado oferece a graça a quem procura, porque é Cristo mesmo quem batiza, quem perdoa os pecados, quem consagra o pão e o vinho, mediante a sua humanidade prolongada no ministro e nos sinais sagrados. Se, porém, o sujeito que procura o sacramento não tem as disposições necessárias para receber a graça, o sacramento não santifica, mas, ao contrário, pode tornar-se ocasião de grave pecado de sacrilégio.” (Curso de Liturgia, Dom Estevão, p. 39)

c) **Graça Santificante**: “Que espécie de graça nos dão os sacramentos? Em primeiro lugar, o principal: dão a graça santificante. Essa graça é aquela maravilhosa vida sobrenatural, aquele partilhar da própria vida com Deus, que provém da habitação do Espírito Santo em nossa alma.” (A fé explicada, p. 263)

- Sacramentos que concedem a graça – sacramentos de mortos;
- Sacramentos que aumentam a graça, ou seja, aumentam nossa capacidade de sentir com Deus e viver com ele – sacramentos de vivos.

Quais são os sacramentos?

Cristo é o sacramento do Pai: “Tudo que havia de visível em nosso Redentor passou para os mistérios (sacramentos)” (São Leão Magno) – Jesus Cristo, desde sua Encarnação até sua glorificação, é o sinal mais perfeito e mais sublime da presença e da ação santificadora de Deus entre os homens.

A Igreja é sacramento de Cristo: Cristo ressuscitado “derramou nos discípulos seu Espírito vivificador, fazendo de seu corpo, a Igreja, sacramento universal da salvação” (LG 48). Através de sua Igreja, sinal e instrumento de sua santidade, Cristo continua atuando no mundo para prolongar, até sua vinda gloriosa, seus gestos e palavras de amor e salvação.

Os Sete Sacramentos: “Há sete sacramentos da Nova Aliança: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordenação e matrimônio. Eles se distinguem muito dos sacramentos da Antiga Aliança. Pois estes não efetuavam a graça, mas apenas indicavam que um dia a graça seria dada pelo sofrimento de Cristo. Esses nossos sacramentos, porém, contêm a graça e a conferem àqueles que os recebem dignamente (...). Todos esses sacramentos são realizados em três partes: pela realização concreta como matéria, pelas palavras como forma, pela pessoa do ministrante, que administra o sacramento na intenção de fazer o que a Igreja faz. Faltando uma dessas três partes, o sacramento não é realizado. Entre esses sacramentos, temos três: batismo, confirmação e ordenação, que imprimem à alma um caráter, isto é, um sinal espiritual indelével, o que os distingue dos demais. Por isso não são repetidos na mesma pessoa. Os outros quatro sacramentos não imprimem caráter e admitem repetição.”

(Concílio de Florença, 1438-1445)

“Os sete sacramentos atingem todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do cristão: dão à vida de fé do cristão origem e crescimento, cura e missão. Nisto existe uma certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual.” (CIgC 1210)

Os sacramentos podem ser assim divididos:

1) **Sacramentos da Iniciação Cristã** – Batismo, Confirmação (Crisma) e Eucaristia

Por estes sacramentos são lançados os fundamentos de toda a vida cristã. A partir do efeito deles, os fiéis ficam em condições de “saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade”. (Papa Paulo VI)

2) **Sacramentos de Cura** – Reconciliação (Confissão) e Unção dos Enfermos

A vida nova concedida pelo Batismo está presa à nossa condição humana e, por isso, é frágil. Enquanto estamos em nossa morada terrestre e sujeitos à doença, aos sofrimentos e à morte, Deus nos concede o amparo e auxílio para prosseguirmos no seu caminho.

3) **Sacramentos de Serviço** – Matrimônio e Ordem

Estes sacramentos nos colocam a serviço para a salvação de outras pessoas, servindo, assim, para a edificação de toda a Igreja como povo de Deus

Os efeitos dos sacramentos

a) **GRAÇA** – Santo Tomás de Aquino explica melhor o efeito dos sacramentos na vida do cristão. Ele afirma que há um efeito imediato a partir da recepção dos sacramentos – que pode ser o caráter ou o “quase caráter”. Tal efeito não depende da pessoa que recebe o sacramento, que pode até estar em pecado mortal, pois essa condição não afeta a consequência primeira do sacramento. Em seguida, o efeito que encontramos é a **graça santificante**, ou seja, o encontro maior com o próprio Deus ainda em nossa condição humana. Esse efeito secundário depende diretamente do estado de graça da alma daquele que recebe o sacramento.

b) **CARÁTER** – Ao examinar alguns textos (Ef 1,13; Ef 4,30; 2Cor 1,22), percebemos que o cristão é marcado por um selo, uma marca distintiva no momento em que recebe o dom do Espírito Santo. Desde o Antigo Testamento, nota-se algum sinal de pertença do povo ao seu Senhor – a circuncisão, por exemplo. “O cristão é marcado pelo Cristo no Batismo com um sinal indelével, chamado caráter; além disso, recebe a graça santificante e os dons do Espírito Santo, que o fazem filho de Deus. O cristão pode perder a graça pela infidelidade ou pelo pecado, mas não perde o caráter ou a marca que o Senhor lhe imprimiu na alma.” (Curso de Liturgia, Dom Estevão, p. 42). **São três os sacramentos que imprimem caráter: Batismo, Crisma e Ordem; por isso, tais sacramentos não podem ser repetidos.**

Podemos notar que as graças sacramentais são:

- ✓ Batismo – abre uma cadeia ininterrupta de graças;
- ✓ Confirmação – torna-nos fortes, ativos e frutíferos na construção do Reino de Deus;
- ✓ Eucaristia – permite o crescimento de nossa caridade (amor a Deus e ao próximo);
- ✓ Penitência – cura as enfermidades do pecado e ajuda-nos a vencer as tentações;
- ✓ Ordem e Matrimônio – nos fortalecem para enfrentarmos as obrigações da vida;
- ✓ Unção dos enfermos – conforta-nos no sofrimento e nos fortalece.

Os elementos fundamentais dos sacramentos

- a) **MATÉRIA** – sinal sensível utilizado no sacramento;
b) **FORMA** – normalmente é constituída por palavras, denominadas “fórmula”, e determina a aplicação da matéria;

“Tira a palavra, e o que é a água senão simplesmente água?
A palavra se agrega ao elemento e ele se torna o sacramento.”

Sto. Agostinho

- c) **MINISTRO** – é a pessoa que, em nome de Cristo, realiza o sacramento, ou seja, aplica à matéria a forma;
d) **SUJEITO** – pessoa que pode receber os sacramentos de maneira válida.

Os Sacramentais

Os sacramentais são objetos ou orações da Igreja que, sem ter a eficácia dos sete sacramentos, são significativos e se ligam à sua atividade salvadora.

Exemplos de sacramentais:

- **Objetos** – água benta, escapulário, crucifixo, medalhas, etc.
- **Orações** – bênçãos, consagrações, etc.

A Constituição Sacrosanctum Concilium afirma que os sacramentais “são sinais sagrados que têm certo parentesco com os sacramentos, significando efeitos espirituais que a Igreja obtém por suas preces.” (SC 60)

A partir da definição da SC, compreendemos que os sacramentais só comunicam a graça através da oração e intercessão da Igreja. Nisso eles são diferentes dos sacramentos, que realizam aquilo mesmo que representam, ou seja, um sacramento dá a graça por si e em si, uma vez que Cristo uniu ao sinal externo a graça santificante.

Por fim, Dom Estevão esclarece em seu Curso de Liturgia (p. 44):

“A eficácia santificadora dos sacramentais difere da dos sacramentos. Deriva-se a) da oração da Igreja, que é a Esposa de Cristo, e b) das disposições da pessoa que os recebe ou os utiliza. Tal eficiência é dita **ex opere operantis Ecclesiae**¹; está muito ligada à fé e à devoção tanto do ministro que confere o sacramental, como do cristão a quem se destina.”

Questionário 1:

1. O que são sacramentos?
2. Quantos e quais são os sacramentos?
3. Por que Batismo, Crisma e Eucaristia são chamados “Sacramentos da Iniciação Cristã”? E por que o sacramento da Reconciliação não está incluído nesse grupo?
4. Qual a finalidade dos sacramentos do serviço?
5. Quais são os efeitos do sacramento para o cristão?
6. Por que só é possível receber uma vez o Batismo, a Crisma e a Ordem?
7. Um sacramento é válido mesmo que não se use a matéria apropriada?

¹ “Os sacramentos são eficientes *ex opere operato* (por força do rito executado) e não apenas *ex opere operantis* (por força daquele que executa o sacramento).”

SCHNEIDER, Theodor (org.) **Manual de Dogmática**. Vol. II. 2ª ed. Petrópolis : Vozes, 2000, p. 183.

Resumo² da Introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos (RICA)

1. O Rito de iniciação cristã é destinado a adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e iniciam-se no caminho da fé e da conversão. Por meio dele, serão fortalecidos espiritualmente e preparados para uma frutuosa recepção dos sacramentos no templo oportuno.
2. O Rito inclui, além da celebração dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, todos os ritos do catecumenato.
3. O Rito de iniciação apresenta em primeiro lugar uma forma completa ou comum, própria para a preparação de muitos (cf.nn.68-239), que os pastores adaptarão quando se tratar de uma só pessoa. Para os casos especiais, apresenta-se, em seguida, uma forma simples, que se pode realizar de uma só vez (cf.nn.240-273) ou em várias celebrações (cf.nn.274-277), e outra breve, para os que se encontram em perigo de morte (cf.nn.278-294).

I – ESTRUTURA DA INICIAÇÃO DOS ADULTOS

4. A iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis que, refletindo com os catecúmenos sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induzem pelo seu exemplo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo.
6. Nesse itinerário, (...) há “etapas” ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau.
 - a) Verifica-se a primeira etapa quando, aproximando-se de uma conversão inicial, quer tornar-se cristão e é recebido como catecúmeno pela Igreja.
 - b) A segunda, quando, já introduzido na fé e estando a terminar o catecumenato, é admitido a uma preparação mais intensiva para os sacramentos.
 - c) A terceira quando, concluída a preparação espiritual, recebe os sacramentos de iniciação cristã.Essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: pelo rito de instituição dos catecúmenos; pela eleição; e pela celebração dos sacramentos.
7. As etapas conduzem aos “tempos” de informação e amadurecimento ou são por eles preparadas. São quatro os tempos sucessivos: o de “pré-catecumenato” caracterizado pela primeira evangelização; o do “catecumenato”, destinado à catequese completa; o da “purificação e iluminação”, destinado a mais intensa preparação espiritual; e o da “mistagogia”, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade.
8. Como a iniciação cristã é a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo, e o tempo da purificação e iluminação ocorre habitualmente na Quaresma e a “mistagogia”, no tempo pascal, toda a iniciação deve ter caráter pascal. Por esse motivo, tenha a Quaresma absoluta primazia para a mais intensa preparação dos eleitos e seja a Vigília Pascal considerada como o tempo próprio para a iniciação nos sacramentos.

A – A evangelização e o “pré-catecumenato”

9. O “pré-catecumenato” é o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos, a fim de que os não-cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor.

² Os números ao lado de cada parágrafo correspondem ao mesmo número no livro Introdução ao RICA, porém o texto aqui apresentado, muitas vezes, foi resumido para fins didáticos.

11. Faça-se, pois, durante este tempo, por meio dos catequistas, diáconos e sacerdotes ou mesmo leigos, uma conveniente explanação do Evangelho aos candidatos.

13. Durante o tempo do “pré-catecumenato”, os pastores devem promover orações especiais pelos “simpatizantes”.

B – O Catecumenato

14. É de suma importância o rito de “instituição dos catecúmenos”, porque os candidatos reunidos publicamente pela primeira vez, manifestam suas intenções à Igreja enquanto esta, no exercício de seu múnus apostólico, acolhe os que pretendem tornar-se seus membros.

15. Para esse primeiro passo, requer-se que os candidatos já possuam os rudimentos da vida espiritual e os fundamentos da doutrina cristã, a saber: a fé inicial adquirida no tempo do “pré-catecumenato”, já tenham, portanto, certa idéia da conversão, o costume de rezar e invocar a Deus, e alguma experiência da comunidade e do espírito dos cristãos.

19. O catecumenato é um espaço de tempo em que os candidatos recebem formação exercitam-se praticamente na vida cristã. Chega-se a esse resultado por quatro meios:

- 1) A catequese, ministrada pelos sacerdotes, diáconos ou catequistas e outros leigos, (...) relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, leva os catecúmenos não só ao conhecimento dos dogmas e preceitos como à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar.
- 2) Familiarizados com a prática da vida cristã, ajudados pelo exemplo e pelas contribuições dos introdutores e dos padrinhos e mesmo de toda a comunidade dos fiéis, acostumam-se a orar mais facilmente, dar testemunho da fé, guardar em tudo a esperança de Cristo, seguir na vida as inspirações de Deus e praticar a caridade para com o próximo, até a renúncia de si mesmos.
- 3) Promovem-se para eles celebrações da Palavra e lhes é proporcionado o acesso à liturgia Palavra junto com os fiéis. Habitualmente, porém, quando comparecerem à reunião dos fiéis, devem ser delicadamente despedidos antes do início da Celebração Eucarística, pois precisam esperar o batismo.
- 4) Sendo apostólica a vida da Igreja, aprendam também os catecúmenos, pelo testemunho da vida e pela profissão da fé, a cooperar ativamente para a evangelização e edificação da Igreja.

C – O tempo da purificação e iluminação

21. O tempo da purificação e iluminação dos catecúmenos é normalmente a QUARESMA. Ela renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um.

22. A segunda etapa da iniciação dá início ao tempo da purificação e iluminação, consagrado a preparar mais intensamente o espírito e o coração. Nessa etapa, a Igreja procede à “eleição” ou seleção. Denomina-se “eleição” porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se, também “inscrição dos nomes” porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos.

23. Antes de celebrar a “eleição”, requer-se da parte dos catecúmenos conversão de mentalidade e costumes, suficiente conhecimento da doutrina cristã, e senso da fé e da caridade. Vê-se assim que a eleição, feita com tanta solenidade, é o ponto capital de todo o catecumenato.

24. A partir do dia de sua “eleição” e admissão, os candidatos são chamados “eleitos”. Chamam-se ainda “iluminados” porque o batismo é denominado “iluminação” e através dele os neófitos são inundados pela luz da fé.

25. Nesse tempo, a intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador. Serve-se para isso de vários ritos, sobretudo dos escrutínios e das entregas.

a) Os ESCRUTÍNIOS (exames atentos e minuciosos), solenemente celebrados aos domingos, estão orientados para libertar do pecado e do demônio e confirmam no Cristo, que é o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA dos eleitos.

b) As ENTREGAS, pelas quais a Igreja confia aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração, isto é, o Símbolo e a Oração do Senhor, visam à sua iluminação. No Símbolo, o olhar dos catecúmenos se enche de fé e alegria. Na Oração do Senhor, percebem melhor o novo espírito de filhos pelo qual, sobretudo na reunião eucarística, darão a Deus o nome de Pai.

26. Em vista da preparação imediata para os sacramentos:

a) Exortem-se os eleitos a deixar no Sábado Santo, seus trabalhos habituais, reservar tempo para a oração e recolhimento e jejuar na medida de suas forças.

b) No mesmo dia, se houver alguma reunião dos eleitos, podem ser realizados certos ritos de preparação imediata, como: a recitação do Símbolo, o “Éfeta”, a escolha do nome cristão e, se for o caso, a unção com o óleo dos catecúmenos.

D – A iniciação nos Sacramentos

27. Os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia constituem a última etapa. Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos e ainda, pelo sacrifício e refeição eucarística, antegozam do Reino de Deus.

a) *Celebração do Batismo de Adultos*

28. A celebração do Batismo é preparada pela bênção da água e profissão de fé, intimamente ligada ao rito da água.

31. Depois de terem professado com viva fé o mistério pascal de Cristo, os batizando aproximam-se e recebem esse mistério expresso pela ablução da água.

33. A veste branca é o símbolo de sua dignidade.

A vela acesa mostra sua vocação de viver como convém aos filhos da luz.

b) *Celebração da Confirmação de Adultos*

34. Conforme antiquíssimo uso da Liturgia Romana, o adulto não é batizado sem receber a Confirmação imediatamente depois do Batismo. Esta conexão exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo.



c) *A primeira participação eucarística dos neófitos*

36. Celebra-se por fim a Eucaristia. Nesse dia os neófitos, de pleno direito, dela participam pela primeira vez, consumando a sua iniciação. Com toda a comunidade, tornam-se participantes da ação sacrificial e recitam a Oração do Senhor, manifestando o espírito de adoção de Filhos recebido no Batismo.

E – O tempo da “MISTAGOGIA”

37. Terminada esta última etapa, a comunidade, unida aos neófitos, quer pela meditação do Evangelho e pela participação da Eucaristia, quer pela prática da caridade, vai progredindo no conhecimento mais profundo do mistério pascal e na sua vivência cada vez maior.

40. Como a índole e a eficácia próprias desse tempo provem dessa experiência nova e pessoal dos sacramentos e da comunidade, o lugar primordial da “mistagogia” são chamadas “missas pelos neófitos” ou as missas dos domingos de Páscoa. Toda a comunidade local, com os neófitos e seus padrinhos, deve pois, ser convidada para essas missas.

II – OS MINISTÉRIOS E AS FUNÇÕES

41. “Cabe a todo discípulo de Cristo a missão de difundir a fé.” (*Lumen Gentium*, 17)

42 a 48. Funções:

- Introdutor
- Padrinho
- Bispos, presbíteros e diáconos
- Catequistas

III – O TEMPO E O LUGAR DA INICIAÇÃO

50 e 51. A eleição deve ocorrer no primeiro domingo da quaresma. O pré-catecumenato e o catecumenato devem ocorrer antes desse momento, com a duração oportuna.

52 e 53. Deve-se manter três escrutínios: III. IV e V domingo da Quaresma. A entrega do Símbolo deve ocorrer, durante a semana, após o primeiro escrutínio e a entrega da Oração do Senhor, após o terceiro.

56. É possível transferir a Confirmação para o domingo de Pentecostes.

Questionário 2:

1. Qual a importância do RICA para a vida dos cristãos e da Igreja como um todo?
2. Quais os sacramentos compreendidos pelo RICA?
3. Além da celebração desses sacramentos, qual importante período de preparação presente no RICA?
4. O que quer dizer “catecúmeno” e “catecumenato”?
5. Fale brevemente sobre cada um dos quatro tempos que acompanham o catecúmeno, segundo o RICA.
6. O que são os escrutínios?
7. Escreva sobre a função do padrinho na vida do catecúmeno. Você pode consultar o Diretório Arquidiocesano de Iniciação Cristã, números 97 a 100.
8. Qual o período do ano litúrgico mais propício para o tempo da purificação e iluminação? Por quê?
9. O que significa “neófito”?
10. O que se pode dizer sobre o tempo da mistagogia?

Trechos da Carta Apostólica **Mane Nobiscum Domine**

Papa João Paulo II, em 7 de outubro de 2004

11. A narração da aparição de Jesus ressuscitado aos dois discípulos de Emaús ajuda-nos a pôr em destaque um primeiro aspecto do mistério eucarístico, que deve estar sempre presente na devoção do povo de Deus: a Eucaristia, mistério de luz! Em que sentido tal se pode afirmar, e quais são as implicações que daí derivam para a espiritualidade e para a vida cristã?

Jesus designou-Se a Si mesmo como “luz do mundo” (Jo 8,12), e esta sua propriedade aparece bem evidenciada em momentos da sua vida como a Transfiguração e a Ressurreição, onde reflete claramente a sua glória divina. Diversamente, na Eucaristia a glória de Cristo está velada. O sacramento eucarístico é o *mysterium fidei* por excelência.

12. A Eucaristia é luz antes de mais nada porque, em cada Missa, a liturgia da Palavra de Deus precede a liturgia Eucarística, na unidade das duas “mesas” — a da Palavra e a do Pão. Esta continuidade transparece já no discurso eucarístico do Evangelho de João, quando o anúncio de Jesus passa da apresentação fundamental do seu mistério à ilustração da dimensão eucarística propriamente dita: “A minha carne é, em verdade, uma comida e o meu sangue é, em verdade, uma bebida” (Jo 6,55). Sabemos que foi esta dimensão que fez entrar em crise grande parte dos ouvintes, induzindo Pedro a fazer-se porta-voz da fé dos outros Apóstolos e da Igreja de todos os tempos: “Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Na narração dos discípulos de Emaús, o próprio Cristo intervém para mostrar, “começando por Moisés e seguindo por todos os profetas”, como “todas as Escrituras” conduzem ao mistério da sua pessoa (cf. Lc 24,27). As suas palavras fazem “arder” os corações dos discípulos, tiram-nos da obscuridade da tristeza e do desânimo, suscitam neles o desejo de permanecer com Ele: “Fica conosco, Senhor” (cf. Lc 24,29).

13. Os Padres do Concílio Vaticano II, na constituição *Sacrosanctum Concilium*, quiseram que a “mesa da Palavra” abrisse com maior abundância os tesouros da Sagrada Escritura aos fiéis. Por isso consentiram que, na celebração litúrgica, especialmente as leituras bíblicas fossem apresentadas na língua compreensível a todos. É o próprio Cristo que fala, quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura. Ao mesmo tempo recomendaram ao celebrante a homilia como parte da própria liturgia, destinada a ilustrar a Palavra de Deus e atualizá-la na vida cristã. Passados quarenta anos do Concílio, o Ano da Eucaristia pode constituir uma importante ocasião para as comunidades cristãs fazerem um exame sobre este ponto. De fato, não basta que os textos bíblicos sejam proclamados numa língua compreensível, se tal proclamação não é feita com o cuidado, preparação prévia, escuta devota, silêncio meditativo que são necessários para que a Palavra de Deus toque a vida e a ilumine.

“Reconheceram-no ao partir do pão” (Lc 24,35)

14. É significativo que os dois discípulos de Emaús, devidamente preparados pelas palavras do Senhor, o tenham reconhecido, quando estavam à mesa, através do gesto simples da “fração do pão”. Uma vez iluminadas as inteligências e rescaldadas os corações, os sinais “falam”. A Eucaristia desenrola-se inteiramente no contexto dinâmico de sinais que encerram uma densa e luminosa mensagem; é através deles que o mistério, de certo modo, se desvenda aos olhos do crente.

15. Não há dúvida que a dimensão mais evidente da Eucaristia é a de banquete. A Eucaristia nasceu, na noite de Quinta-feira Santa, no contexto da ceia pascal. Traz, por conseguinte, inscrito na sua estrutura o sentido da comensalidade: “Tomai, comei... Tomou, em seguida, um cálice e... entregou-lhe dizendo: Bebei dele todos...” (Mt 26,26.27). Este aspecto exprime bem a relação de comunhão que Deus quer estabelecer conosco e que nós mesmos devemos fazer crescer uns com os outros.

Todavia não se pode esquecer que o banquete eucarístico tem também um sentido primária e profundamente sacrificial. Nele, Cristo torna presente para nós o sacrifício realizado uma vez por todas no Gólgota. Embora aí presente como ressuscitado, Ele traz os sinais da sua paixão, da qual

cada Santa Missa é “memorial”, como a liturgia nos recorda com a aclamação depois da consagração: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição...”. Ao mesmo tempo que atualiza o passado, a Eucaristia projeta-nos para o futuro da última vinda de Cristo, no final da história. Este aspecto escatológico dá ao sacramento eucarístico um dinamismo cativante, que imprime ao caminho cristão o passo da esperança.

“Eu estou convosco todos os dias” (Mt 28,20)

16. Todas essas dimensões da Eucaristia se encontram num aspecto que, mais do que qualquer outro, põe à prova a nossa fé: é o mistério da presença “real”. Com toda a tradição da Igreja, acreditamos que, sob as espécies eucarísticas, está realmente presente Jesus. Uma presença — como eficazmente explicou o Papa Paulo VI — que se diz “real”, não por exclusão como se as outras formas de presença não fossem reais, mas por antonomásia enquanto, por ela, se torna substancialmente presente Cristo completo na realidade do seu corpo e do seu sangue. Por isso a fé pede-nos para estarmos diante da Eucaristia com a consciência de que estamos na presença do próprio Cristo. É precisamente a sua presença que dá às outras dimensões — de banquete, memorial da Páscoa, antecipação escatológica — um significado que ultrapassa, e muito, o de puro simbolismo. A Eucaristia é mistério de presença, mediante o qual se realiza de modo excelso a promessa que Jesus fez de ficar conosco até ao fim do mundo.

19. Ao pedido dos discípulos de Emaús para que ficasse “com” eles, Jesus responde com um dom muito maior: através do sacramento da Eucaristia encontrou o modo de permanecer “dentro” deles. Receber a Eucaristia é entrar em comunhão profunda com Jesus. “Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós” (Jo 15,4). Esta relação de íntima e recíproca “permanência” permite-nos antecipar de algum modo o céu na terra. Não é porventura este o maior anseio do homem? Não foi isso mesmo o que Deus se propôs, ao realizar na história o seu desígnio de salvação? Ele colocou no coração do homem a “fome” da sua Palavra (cf. Am 8,11), uma fome que ficará saciada apenas na plena união com Ele. A comunhão eucarística foi-nos dada para “nos saciarmos” de Deus sobre esta terra, à espera da saciedade plena no céu.

Um só pão, um só corpo

20. Mas esta intimidade especial, que se realiza na “comunhão” eucarística, não pode ser adequadamente compreendida nem plenamente vivida fora da comunhão eclesial. A Igreja é o corpo de Cristo: caminha-se “com Cristo” na medida em que se está em relação “com o seu corpo”. Cristo providencia a geração e fomento desta unidade com a efusão do Espírito Santo. E Ele mesmo não cessa de promovê-la através da sua presença eucarística. Com efeito, é precisamente o único Pão eucarístico que nos torna um só corpo. Afirma-o o apóstolo Paulo: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1Cor 10,17). No mistério eucarístico, Jesus edifica a Igreja como comunhão, segundo o modelo supremo evocado na oração sacerdotal: “Para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17,21).

21. Fonte da unidade eclesial, a Eucaristia é também a sua máxima manifestação. A Eucaristia é epifania de comunhão. Por isso, é que a Igreja põe condições para se poder tomar parte de modo pleno na celebração eucarística. As várias limitações devem levar-nos a tomar uma consciência cada vez maior de quanto exigente seja a comunhão que Jesus nos pede.

A serviço dos últimos

28. Há ainda um ponto para o qual queria chamar a atenção, porque sobre ele se joga em medida notável a autenticidade da participação na Eucaristia, celebrada na comunidade: é o impulso que esta aí recebe para um compromisso real na edificação duma sociedade mais equitativa e fraterna. Na Eucaristia, o nosso Deus manifestou a forma extrema do amor, invertendo todos os critérios de domínio que muitas vezes regem as relações humanas e afirmando de modo radical o critério do serviço: “Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos” (Mc 9,35). Não é por acaso que, no Evangelho de João, se encontra, não a narração da instituição eucarística, mas a do “lava-pés” (cf. Jo 13,1-20): inclinando-se a lavar os pés dos seus discípulos, Jesus explica de forma inequívoca o sentido da Eucaristia. S. Paulo, por sua vez, reafirma vigorosamente que não é lícita uma celebração eucarística onde não resplandeça a caridade testemunhada pela partilha concreta com os mais pobres (cf. 1Cor 11,17-22.27-34).

Questionário 3:

1. Por que se pode afirmar que a Eucaristia é um mistério de luz?
2. Qual a ligação entre a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia na celebração da missa?
3. Por que podemos dizer que a Eucaristia é um banquete?
4. A Eucaristia também é um sacrifício. Explique.
5. Quais são as formas da presença de Cristo na celebração eucarística?
6. Por que dizemos que a Eucaristia é a “presença real”? Essa afirmação diminui ou limita as demais formas da presença de Cristo?
7. Explique a afirmação de que a Eucaristia é fonte e manifestação da unidade da Igreja.
8. Por que a Eucaristia nos impulsiona a ajudar os mais necessitados?

Terra, exulta de alegria, louva teu pastor e guia com teus hinos, tua voz!
Este pão, que o mundo o creia!, por Jesus, na santa ceia, foi entregue aos que escolheu.
Novo Rei e nova mesa, nova Páscoa e realeza, foi-se a Páscoa dos judeus.
O que o Cristo fez na ceia, manda à Igreja que o rodeia, repeti-lo até voltar.
Seu preceito conhecemos: pão e vinho consagremos para nossa salvação.
Faz-se carne o pão de trigo, faz-se sangue o vinho amigo: deve-o crer todo cristão.
Se não vês nem compreendes, gosto e vista tu transcendes, elevado pela fé.
Pão e vinho, eis o que vemos; mas ao Cristo é que nós temos em tão ínfimos sinais.
Alimento verdadeiro, permanece o Cristo inteiro que no vinho, quer no pão.
É por todos recebido, não em parte ou dividido, pois inteiro é que se dá!
Dá-se ao bom como ao perverso, mas o efeito é bem diverso: vida e morte traz em si.
Pensa bem: igual comida, se ao que é bom enche de vida, traz a morte para o mau.
Eis a hóstia dividida. Quem hesita, quem duvida? Como é toda o autor da vida, a partícula também.
Jesus não é atingido: o sinal é que é partido, mas não é diminuído, nem se muda o que contém.

Trechos da sequência da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo

Espiritualidade Litúrgica a partir da Constituição Sacrosanctum Concilium

5. Deus, que “**quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens**” (1Tim 2,4), “havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas” (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, médico carnal e espiritual, Mediador de Deus e dos homens. Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi instrumento de nossa salvação. Pelo que, **em Cristo, ocorreu a perfeita satisfação de nossa reconciliação e nos foi comunicada a plenitude do culto divino.**

7. De fato, para levar a efeito obra tão importante, Cristo está presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto **na pessoa do ministro**, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz, quanto sobretudo **sob as espécies eucarísticas**. Presente está pela sua força **nos sacramentos**, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza. Presente está **pela sua palavra**, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja. Está presente finalmente **quando a Igreja ora e salmodia**, Ele que prometeu “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles” (Mt 28,20).



Realmente, em tão grandiosa obra pela qual **Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados**, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua Esposa diletíssima, que invoca seu Senhor e por Ele presta culto ao eterno Pai.

Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma **ação sagrada por excelência**, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau.

8. **Na Liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste**, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos encaminhamos.

10. A Liturgia é o **cume** para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a **fonte** donde emana toda a sua força.

14. Deseja ardentemente a Mãe Igreja que **todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas**, que a própria natureza da Liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão “geração escolhida, sacerdócio real, gente santa, povo da conquista” (1Pd 2,9), tem direito e obrigação.

106. Devido à tradição apostólica que tem sua origem do dia mesmo da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra cada oitavo dia o Mistério Pascal. Esse dia chama-se justamente dia do Senhor ou domingo. Neste dia, pois, os cristãos devem reunir-se para, ouvindo a palavra de Deus e participando da Eucaristia, lembrarem-se da Paixão, Ressurreição e Glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os “regenerou para a viva esperança, pela Ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1Pd 1,3). Por isso, **o domingo é um dia de festa primordial**, que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis, de modo que seja também um dia de alegria e descanso do trabalho. As outras celebrações não se lhe antepõem, a não ser que realmente sejam de máxima importância, pois que **o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico.**

Celebração da Eucaristia – estrutura atual

Liturgia da Palavra + Liturgia Eucarística

Introdução Geral ao Missal Romano (IGMR)

A) RITOS INICIAIS

46. Sua finalidade é fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembléia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia.

47. Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com o diácono e os ministros, começa o canto da entrada. A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembléia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros.

49. Chegando ao presbitério, o sacerdote, o diácono e os ministros saúdam o altar com uma inclinação profunda.

Em seguida, em sinal de veneração o sacerdote e o diácono beijam o altar; e o sacerdote, se for oportuno, incensa a cruz e o altar.

51. Em seguida, o sacerdote convida para o ato penitencial, que após breve pausa de silêncio, é realizado por toda a assembléia através de uma fórmula de confissão geral, e concluído pela absolvição do sacerdote, absolvição que, contudo, não possui a eficácia do sacramento da penitência.

Aos domingos, particularmente, no tempo pascal, em lugar do ato penitencial de costume, pode-se fazer, por vezes, a bênção e aspersão da água em recordação do batismo.

52. Depois do ato penitencial inicia-se sempre o Senhor, tende piedade, a não ser que já tenha sido rezado no próprio ato penitencial.

53. O Glória é um hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro. O texto deste hino não pode ser substituído por outro. É cantado ou recitado aos domingos, exceto no tempo do Advento e da Quaresma, nas solenidades e festas e ainda em celebrações especiais mais solenes.

54. A seguir, o sacerdote convida o povo a rezar; todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar "coleta", pela qual se exprime a índole da celebração.

B) LITURGIA DA PALAVRA

55. A parte principal da liturgia da palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cantos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homília, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis. Pois nas leituras explanadas pela homília Deus fala ao seu povo, revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual; e o próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis. Pelo silêncio e pelos cantos o povo se apropria dessa palavra de Deus e a ela adere pela profissão de fé; alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro.

56. A liturgia da palavra deve ser celebrada de tal modo que favoreça a meditação; por isso deve ser de todo evitada qualquer pressa que impeça o recolhimento.

57. Mediante as leituras é preparada para os fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da Bíblia. Não é permitido trocar as leituras e o salmo responsorial, constituídos da palavra de Deus, por outros textos não bíblicos.

58. Na celebração da Missa com povo, as leituras são sempre proferidas do ambão.
60. A leitura do Evangelho constitui o ponto alto da liturgia da palavra.
62. Após a leitura que antecede imediatamente o Evangelho, canta-se o Aleluia ou outro canto estabelecido pelas rubricas, conforme exigir o tempo litúrgico. É cantado por todos, de pé. O Aleluia é cantado em todo o tempo, exceto na Quaresma.
64. A seqüência que, exceto nos dias da Páscoa e de Pentecostes, é facultativa, é cantada antes do Aleluia.
65. A homilia é uma parte da liturgia e vivamente recomendada, sendo indispensável para nutrir a vida cristã. Convém que seja uma explicação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, levando em conta tanto o mistério celebrado, como as necessidades particulares dos ouvintes.
67. O símbolo ou profissão de fé tem por objetivo levar todo o povo reunido a responder à palavra de Deus anunciada da sagrada Escritura e explicada pela homilia, bem como, proclamando a regra da fé através de fórmula aprovada para o uso litúrgico, recordar e professar os grandes mistérios da fé, antes de iniciar sua celebração na Eucaristia.
69. Na oração universal ou oração dos fiéis, o povo responde de certo modo à palavra de Deus acolhida na fé e exercendo a sua função sacerdotal, eleva preces a Deus pela salvação de todos. As intenções são proferidas, do ambão ou de outro lugar apropriado, pelo diácono, pelo cantor, pelo leitor ou por um fiel leigo.

C) LITURGIA EUCARÍSTICA

72. Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e a ceia pascal, que tornam continuamente presente na Igreja o sacrifício da cruz, quando o sacerdote, representante do Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória.
73. No início da liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo.

Primeiramente prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o missal e o cálice. A seguir, trazem-se as oferendas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar adequado para serem levados ao altar.

Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja, ou recolhidos no recinto dela; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.

74. O canto do ofertório acompanha a procissão das oferendas (cf. n. 37, b) e se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido colocados sobre o altar. O canto pode sempre fazer parte dos ritos das oferendas, mesmo sem a procissão dos dons.



77. Depositadas as oferendas sobre o altar e terminados os ritos que as acompanham, conclui-se a preparação dos dons e prepara-se a Oração eucarística com o convite aos fiéis a rezarem com o sacerdote, e com a oração sobre as oferendas.

78. Inicia-se agora a Oração eucarística, centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, em nome de toda a comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembléia se una com Cristo na proclamação das

maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício. A oração eucarística exige que todos a ouçam respeitosamente e em silêncio.

79. Podem distinguir-se do seguinte modo os principais elementos que compõem a Oração eucarística:

- a) **Ação de graças** (expressa principalmente no Prefácio).
- b) A aclamação pela qual toda a assembléia, unindo-se aos espíritos celestes canta o **Santo**.
- c) A **epiclese**, na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos pelo ser humano sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e Sangue de Cristo.
- d) A **narrativa da instituição e consagração**.
- e) A **anamnese**, pela qual, cumprindo a ordem recebida do Cristo Senhor através dos Apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, lembrando principalmente a sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e a ascensão aos céus.
- f) A **oblação**, pela qual a Igreja, em particular a assembléia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada.
- g) As **intercessões**, pelas quais se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, que a oblação é feita por ela e por todos os seus membros vivos e defuntos, que foram chamados a participar da redenção e da salvação obtidas pelo Corpo e Sangue de Cristo.
- h) A **doxologia** final que exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação Amém do povo.

80. Sendo a celebração eucarística a ceia pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis devidamente preparados. Esta é a finalidade da fração do pão e os outros ritos preparatórios, pelos quais os fiéis são imediatamente encaminhados à Comunhão.

82. Segue-se o rito da paz no qual a Igreja implora a paz e a unidade para si mesma e para toda a família humana e os fiéis se exprimem a comunhão eclesial e a mútua caridade, antes de comungar do Sacramento. Convém, no entanto, que cada qual expresse a paz de maneira sóbria apenas aos que lhe estão mais próximos.

83. O sacerdote faz a fração do pão e coloca uma parte da hóstia no cálice, para significar a unidade do Corpo e do Sangue do Senhor na obra da salvação, ou seja, do Corpo vivente e glorioso de Cristo Jesus. O grupo dos cantores ou o cantor ordinariamente canta ou, ao menos, diz em voz alta, a súplica Cordeiro de Deus, à qual o povo responde. A invocação acompanha a fração do pão; por isso, pode-se repetir quantas vezes for necessário até o final do rito. A última vez conclui-se com as palavras dai-nos a paz.

86. Enquanto o sacerdote recebe o Sacramento, entoa-se o canto da comunhão que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e realça mais a índole "comunitária" da procissão para receber a Eucaristia. O canto prolonga-se enquanto se ministra a Comunhão aos fiéis. Havendo, porém, um hino após a Comunhão, encerre-se em tempo o canto da Comunhão.

Haja o cuidado para que também os cantores possam comungar com facilidade.

88. Terminada a distribuição da Comunhão, ser for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio. Se desejar, toda a assembléia pode entoar ainda um salmo ou outro canto de louvor ou hino.

89. Para completar a oração do povo de Deus e encerrar todo o rito da Comunhão, o sacerdote profere a oração depois da Comunhão, em que implora os frutos do mistério celebrado.

D) RITOS FINAIS

90. Aos ritos de encerramento pertencem:

- a) breves comunicações, se forem necessárias;
- b) saudação e bênção do sacerdote, que em certos dias e ocasiões é enriquecida e expressa pela oração sobre o povo, ou por outra fórmula mais solene;
- c) despedida do povo pelo diácono ou pelo sacerdote, para que cada qual retorne às suas boas obras, louvando e bendizendo a Deus;
- d) o beijo ao altar pelo sacerdote e o diácono e, em seguida, a inclinação profunda ao altar pelo sacerdote, o diácono e os outros ministros.

Normas Gerais para a Celebração da Eucaristia

GESTOS E POSIÇÕES DO CORPO

“Os fiéis permaneçam de pé: do início do canto de entrada, ou enquanto o sacerdote se aproxima do altar, até a oração do dia inclusive; ao canto do *Aleluia* antes do Evangelho; durante a proclamação do Evangelho; durante a profissão de fé e a oração universal; e do convite *Orai, irmãos* antes da oração sobre as oferendas até o fim da Missa, exceto nas partes citadas em seguida. Sentem-se durante as leituras antes do Evangelho e durante o salmo responsorial; durante a homilia e durante a preparação das oferendas; e, se for conveniente, enquanto se observa o silêncio sagrado após a comunhão.

Ajoelhem-se, porém, durante a consagração, a não ser que, por motivo de saúde ou falta de espaço ou o grande número de presentes ou outras causas razoáveis não o permitam. Contudo, aqueles que não se ajoelham na consagração, façam inclinação profunda enquanto o sacerdote faz genuflexão após a consagração.” (IGMR 43)

GENUFLEXÃO

“A genuflexão, que se faz dobrando o joelho direito até o chão, significa adoração; por isso, se reserva ao Santíssimo Sacramento, e à santa Cruz, desde a solene adoração na ação litúrgica da Sexta-feira da Paixão até o início da Vigília Pascal. (...)

Também fazem genuflexão todos os que passarem diante do Santíssimo Sacramento, a não ser que caminhem processionalmente.” (IGMR 274)

INCLINAÇÃO

“Pela inclinação se manifestam a reverência e a honra que se atribuem às próprias pessoas ou aos seus símbolos. Há duas espécies de inclinação, ou seja, de cabeça e de corpo:

- a) Faz-se **inclinação de cabeça** (vênia) quando se nomeiam juntas as três Pessoas Divinas, ao nome de Jesus, da Virgem Maria e do Santo em cuja honra se celebra a Missa.
- b) **Inclinações de corpo**, ou inclinação profunda, se faz: ao altar; (...) no símbolo às palavras *E se encarnou (...)*” (IGMR 275)

“O orgulho, que é a mentira existencial em que o homem se equipara a Deus, será superado pela humildade de Deus, que se faz servo, baixando-se até nós. Quem quer aproximar-se de Deus, deve ser capaz de olhar para cima – isso é essencial. Mas também deve aprender a inclinar-se, porque o próprio Deus se inclinou no gesto do amor humilde, na lavagem dos pés.” (Ratzinger, 2006, p. 152)³

OUTRAS POSIÇÕES DO CORPO

1. A **prostração** (prostrar-se totalmente no chão) reserva-se ao sacramento da ordenação e ao ato litúrgico da Sexta-Feira da Paixão e expressa o reconhecimento do imponente poder de Deus e que somos fracos e somente Ele pode nos colocar em pé.
2. “Para os hebreus, os **joelhos** eram símbolo de força; por conseguinte, a genuflexão significa rebaixar nossa força perante Deus vivo e reconhecer que tudo que somos e temos promana dele.” (Ratzinger, 2006, p. 141)
3. A posição “**de pé**” é a que melhor representa a posição de oração e escuta atenta.
4. Quando o cristão permanece **sentado** nas assembleias, ele mostra sua disposição para aprender e apreciar algo que está ocorrendo. Nesses momentos, “o corpo deve estar descontraído, a fim de serem possibilitadas boa audição e compreensão”. (Ratzinger, 2006, p. 145)

INCENSAÇÃO

“A turificação ou incensação exprime a reverência e a oração, como é significada na Sagrada Escritura (cf. Sl 140,2; Ap 8,3).

O incenso pode ser usado facultativamente em qualquer forma de Missa:

- a) durante a procissão de entrada;
- b) no início da Missa, para incensar a cruz e o altar;
- c) à procissão e à proclamação do Evangelho;
- d) depostos o pão e o cálice sobre o altar, para incensar as oferendas, a cruz e o altar, bem como o sacerdote e o povo;
- e) à apresentação da hóstia e do cálice, após a consagração.” (IGMR 276)

SOBRE A MESA DO ALTAR

“O altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia.” (IGMR 296)

“Na ornamentação do altar observe-se moderação. (...) A ornamentação com flores seja sempre moderada e, em vez de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocado junto a ele.” (IGMR 305)

“Sobre a mesa do altar podem ser colocadas somente aquelas coisas que se requerem para a celebração da Missa, ou seja: o Evangeliário, do início da celebração até a proclamação do Evangelho; desde a apresentação das oferendas até a purificação dos vasos sagrados, o cálice com a patena, o cibório, se necessário, e, finalmente, o corporal, purificadorio, a pala e o missal.

³ Ratzinger, Joseph. **Introdução ao Espírito da Liturgia**. 2. ed. São Paulo : Paulinas, 2006.

Além disso, se disponham de modo discreto os aparelhos que possam ajudar a amplificar a voz do sacerdote.” (IGMR 306)

“Os castiçais, requeridos pelas ações litúrgicas para manifestarem a reverência e o caráter festivo da celebração, sejam colocados, como parecer melhor, sobre o altar ou junto dele, levando em conta as proporções do altar e do presbitério, de modo a formarem um conjunto harmonioso e que não impeça os fiéis de verem aquilo que se realiza ou se coloca sobre o altar.” (IGMR 307)

“Haja também sobre o altar ou perto dele uma cruz com a imagem de Cristo crucificado que seja bem visível para o povo reunido. Convém que tal cruz, que serve para recordar aos fiéis a paixão salutar do Senhor, permaneça junto ao altar também fora das celebrações litúrgicas.” (IGMR 308)

AMBÃO

“A dignidade da Palavra de Deus requer na igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da Palavra.

De modo geral, convém que esse lugar seja uma estrutura estável e não uma simples estante móvel.

Do ambão são proferidas somente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homília e as intenções da oração universal ou oração dos fiéis.” (IGMR 309)

Questionário 4:

Sobre o canto litúrgico:

1. Dê exemplos de cantos que acompanham um rito e cantos que são o próprio rito.
2. Coloque os seguintes tipos de música litúrgica em ordem de prioridade:
 - a. () cantos processionais
 - b. () diálogo entre o presidente e a assembleia
 - c. () partes fixas
3. O que deve ser considerado em primeiro lugar em um canto litúrgico: a letra ou a melodia e o ritmo?
4. Explique a afirmação popular que diz que devemos cantar “a missa” e não “na missa”.
5. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma: “A música sacra é tanto mais santa quanto mais intimamente se articula com a ação litúrgica”. O que se entende desse trecho?

Sobre os textos bíblicos:

Procure na Bíblia e escreva ao lado de cada trecho da celebração eucarística onde ele pode ser encontrado:

1. Saudação inicial: “A graça do Pai...”
2. “Senhor, tende piedade de nós!”
3. Início do Glória: “Glória a Deus nas alturas...”
4. Aleluia
5. Santo
6. Narrativa da instituição
7. “Cordeiro de Deus”
8. Pai nosso
9. “A paz do Senhor esteja sempre convosco!”
10. “Provai e vede como o Senhor é bom. Feliz de quem encontra nele o seu refúgio.”
11. “Felizes os convidados para a ceia do Senhor.”
12. “Eis o Cordeiro de Deus.”
13. “Senhor, eu não sou digno...”

Trabalho sobre o canto litúrgico

A liturgia é a ação celebrativa pela qual toda a humanidade presta culto a Deus, rendendo graças por sua salvação e misericórdia, e recebe, do próprio Deus, a graça necessária a essa salvação. Por isso, o canto que reveste a celebração litúrgica requer zelo e cuidado na escolha. Os mesmos critérios tão rígidos não se aplicam aos cantos utilizados em grupos de oração, círculos bíblicos ou encontros catequéticos, por exemplo.

Normalmente, os erros mais comuns acerca do canto litúrgico podem ser classificados em:

- a. erro de doutrina;
- b. melodia usada em músicas de ambiente secular;
- c. infidelidade ao texto oficial do Missal Romano.

Veja os exemplos de músicas abaixo e relacione os motivos pelos quais não convém que elas sejam usadas em celebrações litúrgicas:

1) Santo, Santo, Santo dizem todos os anjos
Santo, Santo, Santo é o Senhor Jesus
Santo, Santo, Santo é quem nos redime
Porque meu Deus é Santo e a terra cheia de sua glória está...

2) Pai Nosso que estás no céu,
Santificado seja o teu nome
E venha a nós o teu reino
E seja feita a tua vontade.

Paí, meu pai do céu, eu quase me esqueci
Que o teu amor vela por mim, que seja feito assim

O alimento desse dia dai-nos agora e sempre
E perdoai nossas ofensas, de um modo maior
com que perdoamos

3) Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo,
eu estou aqui!
Olho pro céu e vejo uma nuvem branca
que vai passando. Olho pra terra e vejo
uma multidão que vai caminhando...

4) Javé o Deus dos pobres, do povo sofredor
Aqui nos reuniu pra cantar o teu louvor
Pra nos dar esperança e contar com tua mão
Na construção do Reino, Reino novo, povo irmão

5) Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais...

6) Perdão, Senhor, tantas vezes me omiti...

7) Glória! Glória! Ao Pai criador, ao Filho redentor e ao Espírito, glória!
Ao Pai criador do mundo.
Ao Filho redentor dos homens.
Ao Espírito de amor demos sempre: glória!

8) Glória, glória, aleluia! Glória, glória, aleluia!
Glória, glória, aleluia! Louvemos ao Senhor!
Na beleza do que vemos, Deus nos fala ao coração! Tudo canta: Deus é grande, Deus é bom e Deus é Pai!
É seu Filho, Jesus Cristo, que nos une pelo amor: louvemos ao Senhor!

9) Santo, Santo é. Santo, Santo é, Deus do universo, ó Senhor Javé!
O céu e a terra o proclamam glorioso!
Hosana, Hosana nas alturas.
Bendito o que vem em nome do Senhor.
Hosana, Hosana nas alturas.
Hosana, Hosana ao Rei!

10) Na festa da vida sem par, Caná põe a mesa, pois não! Na mesa não pode faltar nem vinho, nem risos, nem pão!
Maria, que é Mãe, ali vai. Os noivos têm mãe em Caná. Jesus quer saber a hora do Pai, Maria lhe diz: “É já!”
Maria, Maria, vem pôr, Mãe querida, Jesus, pão da vida, na mesa do altar.
Maria, Maria, sem ti não há festa, ó vem, fica nesta pra nada faltar!

Questionário 5:

1. Por que é importante manter o clima de silêncio e oração antes do início da celebração eucarística?
2. Por que não se deve cantar, por exemplo, um canto mariano na entrada em um domingo do Tempo Comum?
3. Quantas procissões há na celebração eucarística?
4. Qual o sentido da procissão de entrada na celebração?
5. Qual o sentido do ato penitencial na celebração? Ele tem a eficácia do sacramento da reconciliação?
6. O que fazer quando a pessoa, ainda em pecado mortal, mas que já teve contrição perfeita, deseja participar da eucaristia?
7. Em quais tempos do ano litúrgico o hino do Glória não é cantado ou recitado?
8. Quais são as orações da celebração eucarística ditas “orações presidenciais”?
9. Qual o nome e o sentido da primeira oração da celebração eucarística?
10. Por que a Igreja pede cuidado especial na preparação daqueles que vão proclamar as leituras na celebração?
11. De onde se devem proclamar as leituras na celebração eucarística?
12. De onde geralmente é retirada a primeira leitura da celebração? E a segunda?
13. É possível omitir a segunda leitura nas celebrações? E a primeira?
14. Por que se diz que o salmo na celebração é “responsorial”?
15. É válido substituir o salmo responsorial por outro canto de meditação?
16. O que quer dizer “aleluia”?
17. Em que tempo do ano litúrgico se omite o “aleluia”?
18. Quando ele é omitido, o que se deve cantar antes da proclamação do Evangelho?
19. Por que se ouve o Evangelho de pé?
20. Quem pode proclamar o Evangelho?
21. É oportuno guardar silêncio após a homilia? Por quê?
22. Quais as duas fórmulas de símbolo ou profissão de fé utilizadas na celebração?
23. Qual o sentido de professar a fé ao final da liturgia da palavra?
24. Qual o sentido da oração dos fiéis? Quais as intenções apropriadas?
25. Quais são as oferendas apresentadas na celebração eucarística?
26. Qual o início e o fim da Oração Eucarística?
27. Fale brevemente sobre o sentido de cada uma das partes da Oração Eucarística.
28. Qual a posição do corpo mais apropriada para o momento da narrativa da instituição?
29. Qual o momento mais importante da Oração Eucarística?
30. Por que não se diz nenhuma das partes da Oração Eucarística quando se realiza somente a celebração da palavra por um diácono ou MESC?
31. Quais são as partes do rito da comunhão?
32. Por que não se diz “amém” ao final do Pai nosso na celebração eucarística?
33. Qual o sentido do abraço da paz na celebração eucarística?
34. Qual o sentido da fração do pão consagrado na hora do “Cordeiro de Deus”?
35. É possível receber a comunhão na boca ou na mão? Em pé ou de joelhos? Há alguma diferença? Qual a maneira correta todos os casos?
36. Por que é recomendável manter silêncio após a comunhão?

Glossário dos objetos litúrgicos e alfaia

Pe. Luiz Miguel Duarte

1. **Altar** – mesa destinada à celebração do sacrifício eucarístico.
2. **Alva** – veste longa, de cor branca, usada pelos ministros sagrados nas celebrações.
3. **Ambão** – estante de onde se proclamam as leituras nas celebrações.
4. **Âmbula** ou **cibório** – recipiente para a conservação e distribuição das hóstias aos fiéis.
5. **Aspersório** – instrumento com que se joga água benta sobre o povo ou objetos.
6. **Baldaquino** – armação ornamental, sustentada por colunas, na cobertura de altar, trono.
7. **Caldeirinha** – vasilha onde se coloca a água benta para aspersão.
8. **Cálice** – recipiente onde se coloca o vinho para ser consagrado.
9. **Candelabro** – castiçal para várias velas.
10. **Castiçal** – utensílio que serve de suporte para uma vela.
11. **Casula** – espécie de manto que se coloca sobre a alva e a estola.
12. **Cíngulo** – cordão que prende a alva ao redor da cintura.
13. **Círio pascal** – vela grande que simboliza o Cristo ressuscitado.
14. **Corporal** – tecido quadrado sobre o qual se coloca o cálice e a patena ou cibórios.
15. **Credência** – mesa lateral onde se colocam os objetos a serem usados na celebração.
16. **Crucifixo** – cruz com a imagem de Cristo.
17. **Custódia** – parte do ostensório onde se mostra a hóstia consagrada.
18. **Dalmática** – veste própria do diácono, colocada sobre a alva e a estola.
19. **Estola** – veste colocada ao redor do pescoço.
20. **Evangelário** – livro que contém os Evangelhos usados nas celebrações.
21. **Galhetas** – recipientes para transportar água e vinho.
22. **Hóstia** – pedaço de pão não fermentado.
23. **Incenso** – resina colocada sobre brasas para exalar odor e fumaça.
24. **Lavabo** – conjunto de bacia e jarra usado para a purificação do sacerdote.
25. **Lecionário** – livro que contém todas as leituras bíblicas usadas nas celebrações.
26. **Luneta** – peça circular do ostensório onde se coloca a hóstia consagrada.
27. **Manustérgio** – toalha com que o sacerdote enxuga as mãos durante a missa.
28. **Missal Romano** – livro que contém as orações a serem usadas nas celebrações.
29. **Naveta** – recipiente para transportar o incenso durante a missa.
30. **Ostensório** – objeto usado para expor a hóstia consagrada aos fiéis.
31. **Pala** – cartão quadrado, revestido de pano, usado para cobrir a patena e o cálice.
32. **Patena** – pequeno prato de metal onde se coloca a hóstia maior usada na missa.
33. **Presbitério** – espaço na igreja onde ficam altar e ambão e se realizam os ritos sagrados.
34. **Reserva eucarística** – hóstias consagradas guardadas no sacrário.
35. **Sacrário** ou **tabernáculo** – pequena urna onde se guarda a reserva Eucarística, ou seja, o Santíssimo Sacramento.
36. **Sanguinho** ou **purificador** – tecido retangular com o qual o sacerdote purifica os vasos sagrados e, se preciso, a boca e os dedos.
37. **Teca** – estojo de metal onde se leva a eucaristia aos enfermos.
38. **Turíbulo** – vaso usado para incensações.
39. **Véu umeral** – manto colocado nos ombros do ministro para a bênção com o ostensório.



1



2



3



4



5



6



7



8



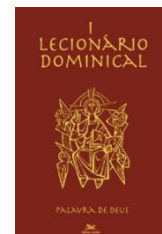
9



10



11



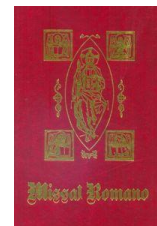
12



13



14



15



16



17



18

Alguns aspectos que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia

Principais trechos da Instrução *Redemptionis Sacramentum* (RS)

A Instrução não oferece um conjunto de normas relativas à Santíssima Eucaristia, mas sim retoma alguns elementos já expostos e estabelecidos, porém algumas vezes esquecidos ou alterados.

A observância meramente exterior das normas não nos leva ao encontro com o Cristo Vivo. Por isso, a Igreja insiste que “o ato externo deve ser iluminado pela fé e pela caridade que nos unem a Cristo e uns aos outros e geram o amor para com os pobres e os aflitos. Além disso, as palavras e os ritos da liturgia são expressão fiel e amadurecida nos séculos dos sentimentos de Cristo e nos ensinam a sentir com ele.” (RS 5)

“A Eucaristia é um dom demasiado grande para suportar ambigüidades e reduções.”

João Paulo II (*Ecclesia de Eucharistia*)

Todos os fiéis gozam do direito de ter uma liturgia verdadeira, que siga o que é prescrito nos livros litúrgicos, isto é, que seja como a Igreja quis e estabeleceu (RS 12).

“Todos (...) estão sujeitos à autoridade do bispo diocesano em tudo que se refere à matéria litúrgica.” (RS 23)

Os sacerdotes não devem, em fidelidade ao que prometeram em sua ordenação, esvaziar o significado profundo do mistério eucarístico, deformando a celebração litúrgica com mudanças, reduções ou acréscimos arbitrários (RS 31).

“A eficácia das ações litúrgicas não consiste na contínua modificação dos ritos, mas no aprofundamento da Palavra de Deus e do mistério celebrado.” (RS 39)

“(...) a participação dos fiéis na celebração da Eucaristia e dos outros ritos da Igreja não pode ser reduzida a mera presença, muito menos passiva, mas deve ser considerada um verdadeiro exercício da fé e da dignidade batismal.” (RS 37)

Participação ativa não significa fazer algo concretamente, mas sim **participar com compreensão plena acerca do mistério celebrado.**

“Todos (...) façam somente e tudo aquilo que é de sua competência.”

(*Sacrosanctum Concilium*)

A CORRETA CELEBRAÇÃO DA SANTA MISSA:

- A oração eucarística não pode ser alterada (RS 51);
- O sacerdote é o único que pode dizer a oração eucarística (RS 52);
- Enquanto o sacerdote diz a oração eucarística, “calam-se os instrumentos e as vozes” (RS 53);
- A hóstia grande não deve ser partida no momento da consagração (RS 55);
- A proclamação da Palavra de Deus deve ser dignamente preparada (RS 58);
- Ninguém, quer seja sacerdote, diácono ou fiel, pode alterar textos da sagrada liturgia por ele pronunciado (RS 59);
- Não é permitido omitir ou substituir as leituras, nem mesmo o salmo (RS 62);
- A leitura do Evangelho, por tradição da Igreja, é reservada ao diácono ou sacerdote (RS 63);
- A homilia deve se concentrar no mistério da salvação, baseando-se nas leituras e nos textos litúrgicos (RS 67);
- Cada um deve dar a paz somente àqueles que lhe estão mais próximos, de modo sóbrio. Não se deve executar qualquer canto para dar a paz (RS 72);
- A Santa Missa não deve ser celebrada numa mesa de refeição para que não se assemelhe a qualquer refeição (RS 77).

A SANTA COMUNHÃO:

- Quando o comungante recebe a hóstia na mão, ele deve comungar diante do ministro, de modo que ninguém se afaste levando na mão a espécie eucarística. Se houver perigo de profanação, não se deve distribuir a hóstia na mão (RS 92);
- Não é permitido aos fiéis pegarem por si a sagrada hóstia ou o sagrado cálice (RS 94);
- Não é permitido que o comungante molhe por si mesmo a hóstia no cálice, nem receba na mão a hóstia molhada (RS 104).

A CONSERVAÇÃO DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA E O SEU CULTO FORA DA MISSA:

- As espécies sejam conservadas para serem levadas aos doentes ou anciãos que não puderem ir à missa. Além disso, os fiéis devem prestar adoração ao Santíssimo Sacramento conservado nas Igrejas (RS 129);
- O Santíssimo Sacramento jamais deve permanecer exposto sem guarda suficiente (RS 138).

AS FUNÇÕES EXTRAORDINÁRIAS DOS FIÉIS LEIGOS

- “Somente em caso de verdadeira necessidade se deverá recorrer à ajuda dos ministros extraordinários na celebração da liturgia. De fato, isso não está previsto para assegurar uma participação mais plena dos leigos, mas é por sua natureza supletivo e provisório. Além disso, se por necessidade se recorrer aos ofícios dos ministros extraordinários, multipliquem-se as orações especiais e contínuas ao Senhor, a fim de que envie logo um sacerdote para o serviço da comunidade e suscite com abundância as vocações às Ordens sagradas.” (RS 151)
- Se os ministros sagrados forem suficientes para distribuir a sagrada comunhão, os MESCs não devem ser delegados para essa tarefa (RS 157).

OS REMÉDIOS

- “De modo absolutamente particular, segundo as possibilidades, todos procurem fazer com que o Santíssimo Sacramento da Eucaristia seja preservado de qualquer forma de irreverência e aberração, e todos os abusos sejam totalmente corrigidos. Essa é tarefa de máxima importância para todos e para cada um, e todos são obrigados a realizar tal obra, sem nenhum favoritismo.” (RS 183)

Trabalho sobre os Erros e Abusos na Celebração da Eucaristia

Leia atentamente cada situação descrita abaixo e procure nos documentos estudados (IGMR e RS) a orientação da Igreja para cada caso. Marque **C** (quando a ação estiver correta) e **E** (quando a ação estiver equivocada). Não esqueça de escrever ao lado de cada resposta o nome do documento e o número do parágrafo onde você encontrou a resposta. Quando a ação estiver equivocada, escreva abaixo a maneira correta de realizá-la.

1. O sacerdote parte a hóstia grande durante a oração eucarística, na narrativa da instituição, quando ele diz: “(...) ele tomou o pão, deu graças, e o partiu e deu a seus discípulos dizendo: (...)”. ()
2. O ambão de uma capela era uma estante móvel de madeira. Em certa ocasião, o padre mandou que fosse construído um ambão fixo ao chão, do mesmo material que era feito o altar dessa igreja. ()
3. Por falta de espaço, o cantor de uma comunidade puxa as músicas do próprio ambão. ()
4. Em certa paróquia, a comunidade lê o hino do glória quando o grupo de músicos não conhece uma melodia para cantar a letra exatamente como está no missal. ()
5. Para adaptar a celebração à realidade da comunidade, um sacerdote faz a oração eucarística a partir de sua experiência, sem se guiar pelo texto do missal. ()
6. Para que a celebração fique mais bonita, durante a consagração das espécies eucarísticas, o grupo de músicos faz um fundo musical bem suave. ()
7. Em uma celebração de um retiro de jovens, os comungantes foram chamados a se aproximar do altar e pegar a hóstia consagrada, molhá-la no cálice e depois comungar. Enquanto isso, o padre e os demais fiéis ficavam sentados, cantando o canto de comunhão. ()
8. Nas missas durante a semana, o padre de uma comunidade pequena não pede ajuda aos ministros extraordinários da sagrada comunhão, pois acredita que o número de comungantes é pequeno. ()
9. Para que todos participassem mais da celebração, o sacerdote pediu que um ministro extraordinário da sagrada comunhão lesse o evangelho em seu lugar. ()
10. Em uma certa celebração, a equipe elaborou como simbologia um par de sandálias que representavam a necessidade da missão e evangelização. No momento do ofertório, elas entraram em procissão, foram colocadas sobre o altar e lá ficaram até o fim da missa. ()

O Ano Litúrgico

O Ano Litúrgico não é uma idéia, mas uma pessoa, Jesus Cristo. O Ano Litúrgico é o mistério de Jesus atuando no tempo e que hoje a Igreja celebra sacramentalmente como memória, presença e profecia. No centro do Ano Litúrgico está a Páscoa, o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, mistério central da fé cristã. A Páscoa é tão importante que tem um período de 40 dias de preparação (Quaresma) e depois 50 dias de celebração (Tempo Pascal, que se conclui com Pentecostes).

Depois da Páscoa, outro mistério que a Igreja celebra é o da Encarnação do Filho de Deus, ou seja, o Natal. O Natal é preparado pelo Tempo do Advento e é prolongado pelo breve Tempo do Natal. Enfim, temos o Tempo Comum, que é o maior período do ano, que não celebra um mistério em especial, mas todo o mistério de Cristo. São 34 semanas. O Tempo Comum tem uma 1ª parte que começa ao terminar o Tempo do Natal (Festa do Batismo do Senhor) e vai até a terça-feira antes da Quarta-Feira de Cinzas, dia em que tem início a Quaresma. O Tempo Comum retoma depois de Pentecostes e vai até o fim de novembro, ou seja, até começar o Advento (que é o início de mais um Ano Litúrgico). Por isso, vemos que o Ano Litúrgico não coincide com o ano civil.

Em síntese, o importante é que se tenha clareza sobre o desenvolvimento do Ano Litúrgico e se guarde seu sequenciamento: Advento – Natal – 1ª parte do Tempo Comum – Quaresma – Tempo Pascal – 2ª parte do Tempo Comum (a mais longa). No decorrer de todo o Ano Litúrgico, situam-se as solenidades, festas e comemorações (obrigatórias ou facultativas) dos santos e mesmo de alguns mistérios da vida de Cristo e de sua Mãe. Assinala-se também a importância fundamental, dentro do Ano Litúrgico, do domingo, o dia do Senhor, a Páscoa semanal. Compreendendo isso, viveremos mais facilmente o Ano Litúrgico, com os sentimentos que a Igreja sabiamente propõe.

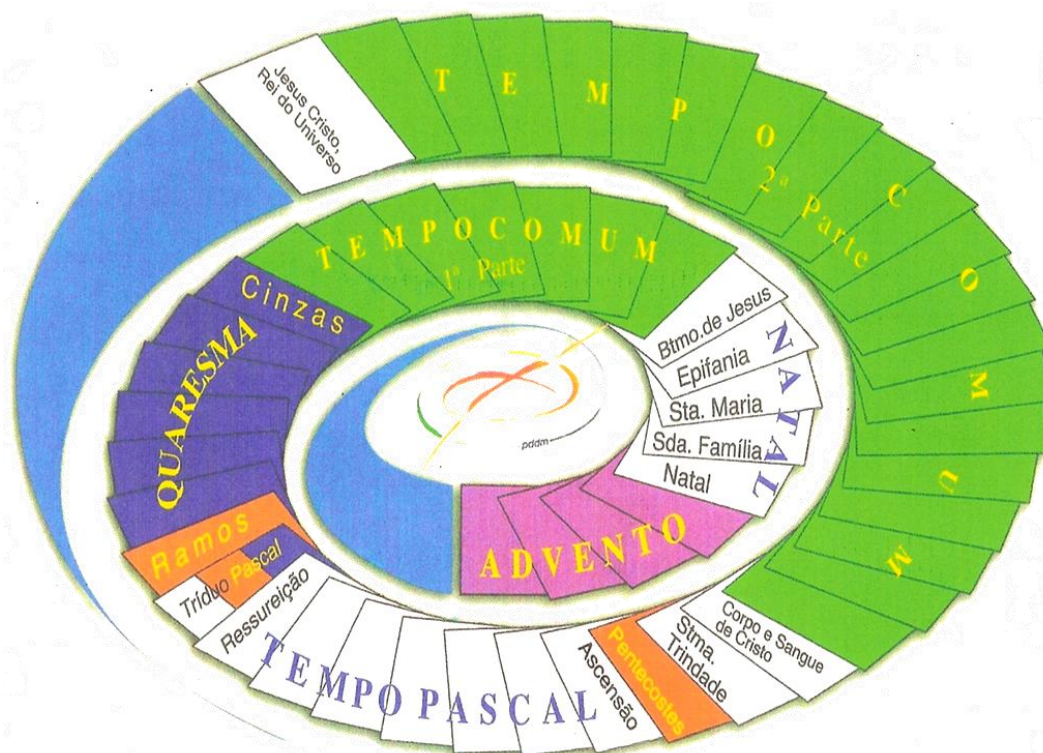
Trechos de palestra com Dom José Palmeiro Mendes – OSB

O Domingo

“Devido à tradição apostólica que tem origem no próprio dia da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal a cada oitavo dia, no dia chamado com razão o dia do Senhor, ou domingo. O dia da ressurreição de Cristo é ao mesmo tempo o primeiro dia da semana, memorial do primeiro dia da criação, e o oitavo dia, em que Cristo, depois do seu repouso do grande sábado, inaugura o dia que o Senhor fez, o dia que não conhece ocaso. A Ceia do Senhor é o seu centro, pois é aqui que toda a comunidade dos fiéis se encontra com o Senhor ressuscitado, que os convida ao seu banquete.” (CIgC 1166)

Quando meditamos, ó Cristo, as maravilhas que foram operadas neste dia de domingo da vossa santa ressurreição, dizemos: Bendito é o dia do domingo, pois foi nele que se deu o começo da criação, a salvação do mundo, a renovação do gênero humano. É nele que o céu e a terra rejubilam e que o universo inteiro foi repleto de luz. Bendito é o dia do domingo, pois nele foram abertas as portas do paraíso para que Adão e todos os banidos entrem nele sem medo.

Ofício sábio-antioqueno



TEMPO DO ADVENTO

O Advento, tempo de expectativa, de esperança e de conversão, está no coração da Igreja missionária e solidária. A Liturgia do Advento convida à conversão pela voz dos profetas, sobretudo de João Batista: “Convertei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo” (Mt 3,2); convida à esperança jubilosa de que a salvação já realizada por Cristo e as realidades da graça já presentes no mundo cheguem à sua maturidade e plenitude, quando a promessa se transformará em posse, a fé em visão e nós seremos semelhantes a Ele e O veremos assim como Ele é (1 Jo 3,2).

Anotações:

1. O órgão e os outros instrumentos musicais devem ser usados, e o altar orna-se com flores, com aquela moderação que convém ao caráter próprio deste tempo, de modo a não antecipar a plena alegria do Natal do Senhor.
2. No Domingo *Gaudete* (3º do Advento), pode-se usar a cor-de-rosa (CB, n. 236).

TEMPO DO NATAL

O tempo do Natal se estende desde as I Vésperas do Natal do Senhor até o Domingo após o dia 6 de janeiro (NALC, n. 33).

No dia 1º de janeiro, oitavo dia do Natal, celebra-se a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, na qual se comemora também a imposição do Santíssimo nome de Jesus. (NALC, n. 33).

Na Epifania do Senhor, recordamos três maneiras de sua divina manifestação: na visita dos Reis Magos, no Batismo no Jordão e nas Bodas de Caná.

"Neste tempo cantamos o nascimento do Príncipe da Paz, com a euforia dos profetas e evangelistas de todos os tempos. E os pobres, ao nos ouvirem, acorrerão pressurosos até o presépio: é, sobretudo para eles, a boa notícia, embora seja de alegria para todo o povo" (Hinário Litúrgico – CNBB).

TEMPO DA QUARESMA

O tempo da Quaresma visa preparar a celebração da Páscoa. Com efeito, a liturgia quaresmal dispõe tanto os catecúmenos, pelos diversos graus da iniciação cristã, como os fiéis, pela comemoração do batismo e da penitência, a celebrarem o mistério pascal (NALC, n. 17).

“Cantar a quaresma é, antes de tudo, cantar a dor que se sente pelo pecado do mundo, que, em todos os tempos e de tantas maneiras, crucifica os filhos de Deus e prolonga, assim, a Paixão de Cristo. É um canto de luto, um canto sem 'glória' e sem 'aleluia', um canto sem flores e sem as vestes da alegria, um canto da 'profundezas do abismo' em que nos colocaram nossos pecados.” (Hinário Litúrgico – CNBB)

Anotações:

1. Durante esse tempo, é proibido ornar o altar com flores; o toque de instrumentos musicais só é permitido para sustentar o canto. Excetuam-se o Domingo *Laetare* (4º Domingo da Quaresma), bem como as solenidades e festas.
2. A cor do tempo é roxa. No Domingo *Laetare*, pode-se usar cor-de-rosa (IGMR, n. 308f).
3. Em todas as Missas e Ofícios, omite-se o “Aleluia”.
4. Somente nas solenidades e festas, diz-se o “*Te Deum*” e o “Glória”.

TRÍDUO PASCAL

O Tríduo pascal não é preparação do Domingo da Ressurreição, mas é, segundo as palavras de Santo Agostinho, o sacratíssimo Tríduo do Crucificado, Sepultado e Ressuscitado (CALI, P55).

O Tríduo pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor começa com a Missa vespertina da Ceia do Senhor, possui o seu centro na Vigília Pascal e encerra-se com as Vésperas do Domingo da Ressurreição (NALC, n. 19).

Anotação:

O órgão toca-se na Missa vespertina da Ceia do Senhor somente até o fim do canto do Glória. Depois não se toca nenhum instrumento, até o Glória da Missa da Vigília noturna da Ressurreição.

TEMPO PASCAL

A Páscoa é “o grande domingo”. (Santo Atanásio)

Ao contrário da sobriedade quaresmal, o tempo pascal é de exultação e de alegria. Ressuscitados com Cristo, cantamos sua glória, sua vitória sobre a morte. O “Aleluia” volta a ressoar em nossos lábios, invadindo todo o nosso ser com ardor sempre crescente, pois as coisas antigas já se passaram, somos nascidos de novo!

A vinda do Espírito Santo, comemorada solenemente em Pentecostes, encerra o Tempo Pascal e nos mostra a culminância do Mistério da Salvação.

TEMPO COMUM

O Tempo Comum começa na segunda-feira que segue ao domingo depois do dia 06 de janeiro e se estende até a terça-feira antes da Quaresma inclusive; recomeça na segunda-feira depois do domingo de Pentecostes e termina antes das Primeiras Vésperas do 1º domingo do Advento (NALC, 44).

O Tempo Comum — o maior do ano litúrgico — nos possibilita desfrutar de outros aspectos da vida e da missão de Jesus e seus discípulos que não são contemplados nos ciclos do Natal e da Páscoa. Cada domingo do Tempo Comum tem sabor de "páscoa semanal".

Os Anos A, B e C

A Igreja estabeleceu uma sequência de leituras bíblicas que se repetem a cada três anos, nos domingos e nas solenidades. As leituras desses dias são divididas nos anos A, B e C. No ano A lê-se o Evangelho de São Mateus; no ano B, o de São Marcos e no ano C, o de São Lucas; contemplando, assim, os Evangelhos Sinóticos. Já o Evangelho segundo São João é reservado para ocasiões especiais, como o Tempo Pascal, e dias de Festas e Solenidades.

As Cores Litúrgicas

Na SC 122, lemos que “a Santa Mãe Igreja sempre foi amiga das belas-artes e de seu nobre ministério”. A arte está expressa de diferentes maneiras no culto cristão: através da música, das imagens sacras e, também, através das sagradas alfaías, que exprimem, pela sua cor, o sentimento que deve brotar no coração daquele que ora ao longo dos diferentes momentos do Ano Litúrgico. Trata-se de contribuir para a celebração sensorial: o uso do incenso, os ritmos musicais, o abraço fraterno, o pão da eucaristia e as cores litúrgicas visam a envolver aquele que celebra de maneira completa através dos sentidos para que possam chegar ao transcendente – aquele que ultrapassa todos os sinais materiais, tão necessários para a realidade humana.

Pode-se perceber que as alfaías que adornam o altar, o tabernáculo, o ambão e mesmo os paramentos do clero seguem algumas cores (fixadas no séc. XII) que procuram convergir com o mistério celebrado. Assim, toda a Igreja (salvo exceção devido a alguma diferença cultural) usa uma única cor, quando celebra a mesma liturgia, manifestando claramente a unidade profunda do Corpo Místico de Cristo.

- ✓ **Branco** – sinal de alegria, ressurreição, pureza, vitória. Usado na Páscoa, no Natal, nas solenidades e festas do Senhor e de Maria e dos santos (a exceção dos Apóstolos e Mártires);
- ✓ **Vermelho** – recorda o fogo do Espírito e o sangue derramado, por isso é usado nas solenidades dos Apóstolos e Mártires, no Domingo de Ramos, na Sexta-Feira Santa e na solenidade de Pentecostes;
- ✓ **Verde** – traz à mente o crescimento dos vegetais, que recorda a expansão da fé, da Igreja, da Palavra de Deus em nosso meio, sendo usado no Tempo Comum;
- ✓ **Roxo** – como símbolo de penitência e conversão, é usado no Advento e na Quaresma; podendo também ser usado nas missas dos fiéis defuntos e no sacramento da Reconciliação;
- ✓ **Rosa** – facultado ao 3º Domingo do Advento (*Gaudete*) e ao 4º Domingo da Quaresma (*Laetare*), o rosa recorda que o Sol se aproxima pelo Natal e pela Páscoa, o que torna o roxo mais suave e ameno, anunciando a chegada da Luz;
- ✓ **Preto** – símbolo de tristeza e luto, era a cor das celebrações dos fiéis defuntos, mas com a renovação do Concílio Vaticano II, que ordenou uma revisão nas celebrações das exéquias (SC 81), caiu em desuso, embora não seja proibido.



Reconciliação

A teologia do sacramento da Reconciliação faz recordar que existem dois tipos de pecado: pecado mortal e pecado venial.

1. É o pecado que se redime apenas com um ato de contrição.
2. É o pecado que requer o sacramento da Reconciliação para ser apagado.

Para que haja pecado mortal, são necessários três requisitos:

- ✓ plena advertência da consciência;
- ✓ liberdade (ou vontade deliberada); e
- ✓ matéria grave.

A matéria (ou quase-matéria) do sacramento da Reconciliação são os atos do penitente, que são:

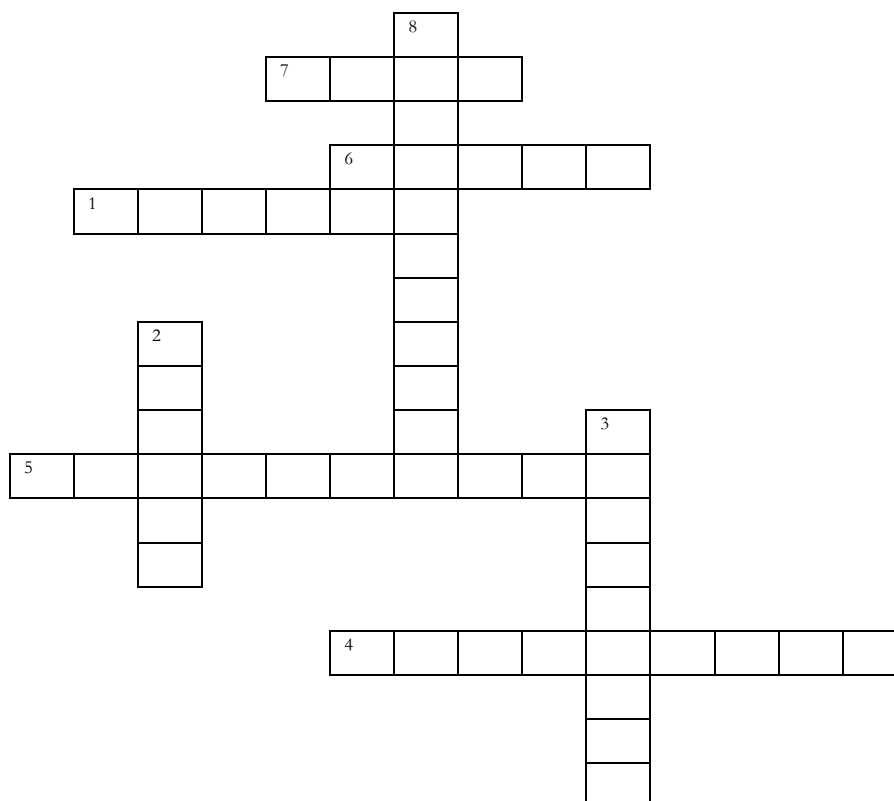
- 3.
- 4.
- 5.

A fórmula completa do sacramento é:

“Deus Pai de misericórdia, que pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e infundiu o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Todo pecado acarreta a perda da graça santificante e uma desordem no mundo.

6. É apagada pelo sacramento da Reconciliação.
7. É apagada total ou parcialmente pela satisfação, ou seja, pela penitência que fazemos.
8. Pode ser plenária ou parcial e apaga a pena decorrente dos nossos pecados.



Breve relação de obras indulgenciadas⁴

Lembre-se:

- ✓ Qualquer fiel pode lucrar indulgências parciais ou plenárias para si mesmo ou aplicá-las aos defuntos como sufrágio.
- ✓ A indulgência plenária só se pode ganhar uma vez ao dia; a indulgência parcial, várias vezes.
- ✓ Para lucrar indulgência plenária, além da exclusão de todo afeto a qualquer pecado, mesmo venial, requerem-se a execução da obra enriquecida de indulgência e o cumprimento das três condições seguintes: confissão sacramental, comunhão eucarística e oração nas intenções do Sumo Pontífice.

QUATRO CONCESSÕES DE CARÁTER GERAL

Propõem-se em primeiro lugar quatro concessões de indulgências, com as quais se aconselha o fiel a informar de espírito cristão as ações de sua existência cotidiana e a tender em seu estado de vida à perfeição da caridade.

- I. Concede-se indulgência parcial ao fiel que, no cumprimento de seus deveres e na tolerância das aflições da vida, ergue o espírito a Deus com humilde confiança, acrescentando alguma piedosa invocação, mesmo só em pensamento.
- II. Concede-se indulgência parcial ao fiel que, levado pelo espírito de fé, com o coração misericordioso, dispõe de si próprio e de seus bens no serviço dos irmãos que sofrem falta do necessário.
Contudo, nem todas as obras de caridade são enriquecidas de indulgência, mas só as que são feitas “para serviço dos irmãos que sofrem falta do necessário”, como comida ou roupa para o corpo, ou consolação para a alma.
- III. Concede-se indulgência parcial ao fiel que se abstém de qualquer coisa lícita e agradável, em espírito espontâneo de penitência.
- IV. Concede-se indulgência parcial ao fiel que der espontaneamente um testemunho aberto de fé perante os outros nas circunstâncias particulares da vida cotidiana.

INDULGÊNCIAS PLENÁRIAS

Em dias específicos

1. Recitar piedosamente a oração diante das imagens no dia em que a família se consagra ao Sacratíssimo Coração de Jesus ou à Sagrada Família;
2. Recitar publicamente o ato de consagração do gênero humano ao Cristo Rei, no dia dessa solenidade;
3. Recitar publicamente o ato de reparação na solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus;
4. Receber piedosamente a bênção *Urbi et Orbi* dada pelo Sumo Pontífice, ainda que, por motivo razoável, seja acompanhada pela televisão ou pelo rádio;
5. Recitar o hino Tão Sublime Sacramento após a Missa da Ceia do Senhor;
6. Participar da solene procissão do Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo;

⁴ Retirado da quarta edição do “Indulgências – orientações litúrgico-pastorais”, de 2005 – tradução para o português do *Enchiridion Indulgentiarum* (4ª ed., julho de 1999). Recomenda-se verificar o próprio livro para retirar os textos das orações aqui referenciadas. Aqui, por questões práticas, não estão reproduzidas todas as concessões do Decreto.

7. Participar do rito eucarístico ao final dos congressos eucarísticos;
8. Aproximar-se pela primeira vez da sagrada comunhão ou assistir piedosamente a outros;
9. Recitar a oração “Eis-me aqui, ó bom e dulcíssimo Jesus” em qualquer sexta-feira da Quaresma ou na sexta-feira da Paixão;
10. Tomar parte piedosamente na adoração da Cruz na solene ação litúrgica da sexta-feira da Paixão;
11. Praticar o piedoso exercício da Via Sacra ou unir-se ao Sumo Pontífice quando este a reza;
12. Participar da recitação solene do *Veni, Creator* no primeiro dia do ano ou na solenidade de Pentecostes;
13. Participar da recitação solene do *Te Deum* no último dia do ano;
14. Assistir à primeira missa de um sacerdote ou a uma celebração jubilar;
15. Renovar as promessas do batismo na Vigília Pascal ou no aniversário do batismo;
16. Visitar devotamente o cemitério, a cada dia, de primeiro a oito de novembro, e aí rezar pelos defuntos, mesmo que só mentalmente (em outros dias, a indulgência é parcial – em ambos os casos, só é aplicável às almas do purgatório).

“Na hora da morte

- § 1. O sacerdote que administra os sacramentos ao fiel em perigo de vida, não deixe de lhe comunicar a bênção apostólica com a *indulgência plenária*.
- § 2. Se não houver sacerdote, a Igreja, mãe compassiva, concede benignamente a mesma indulgência plenária ao cristão bem disposto para ganhá-la na hora da morte, se durante a vida habitualmente tiver recitado para isso algumas orações. Neste caso, a Igreja supre as três condições habitualmente requeridas para se ganhar a indulgência plenária.
- § 3. Para alcançar essa indulgência plenária, louvavelmente se faça uso de um crucifixo ou de uma cruz.
- § 4. A mesma indulgência plenária em artigo de morte, pode ganhá-la o fiel que no mesmo dia já tenha ganho outra indulgência plenária.
- § 5. Os fiéis sejam oportunamente e muitas vezes informados na catequese a respeito dessa salutar disposição da Igreja.”**

Cotidianas

1. Visitar o Santíssimo Sacramento para adorá-lo pelo menos meia hora;
2. Recitar piedosamente o Rosário de Maria na igreja ou oratório ou em família, na comunidade religiosa ou associação de fiéis;
3. Unir-se ao Sumo Pontífice quando este reza o Rosário de Maria;
4. Realizar, por pelo menos meia hora, a *Lectio Divina*.

INDULGÊNCIAS PARCIAIS

1. Ensinar e aprender a doutrina cristã;
2. Enunciar uma ação de graças após a comunhão (com qualquer forma legitimamente aprovada);
3. Examinar a consciência com o propósito de se emendar;
4. Recitar piedosamente um ato de contrição, em qualquer uma das fórmulas legítimas;
5. Recitar devotamente uma oração legitimamente aprovada pela unidade dos cristãos;
6. Usar devotamente um objeto de piedade, bento por qualquer sacerdote ou diácono;
7. Entregar-se à oração mental para sua edificação pessoal;
8. Assistir atenta e devotamente à sagrada pregação da palavra de Deus;
9. Recitar individualmente o Rosário de Maria;
10. Recitar piedosamente o *Magnificat*;
11. Recitar piedosamente pela manhã, ou ao meio-dia, ou pela tarde, a oração *O Anjo do Senhor* ou, no tempo pascal, a antífona *Rainha do céu*;
12. Rezar piedosamente alguma oração aprovada à Beatíssima Virgem Maria;
13. Invocar piedosamente seu próprio Anjo da guarda com uma oração legitimamente aprovada;
14. Invocar piedosamente a São José com uma oração legitimamente aprovada;
15. Recitar devotamente a oração aos Santos Apóstolos Pedro e Paulo;
16. Assistir devotamente às novenas públicas;
17. Recitar piedosamente as ladainhas aprovadas;
18. Recitar piedosamente um ofício breve aprovado;
19. Recitar devotamente, em espírito de devoção filial, alguma oração pelo Sumo Pontífice legitimamente aprovada;
20. Proferir devotamente alguma oração legitimamente aprovada começando e concluindo o dia, no começo e na conclusão de uma tarefa, antes e depois das refeições;
21. Fazer devotamente o sinal da cruz, proferindo as palavras costumeiras;
22. Recitar o símbolo dos Apóstolos ou o símbolo Niceno-Constantinopolitano;
23. Recitar atos de fé, esperança e caridade, em qualquer forma legítima;
24. Recitar Laudes ou Vésperas do Ofício dos Defuntos ou a invocação “Daí-lhes, Senhor, o repouso eterno”.

Unção dos Enfermos

Complete as frases:

1. Jesus sempre combateu a idéia de que o sofrimento é castigo pelos pecados pessoais (Jo 9,1-3) e quis ele mesmo sofrer (Mc 14,32-42). São Paulo confirma esse pensamento afirmando que completa em sua carne o que falta à _____ de Cristo (Cl 1,24).
2. A unção dos enfermos é insinuada em Mc 6,13 e promulgada em Tg 5,14-16.
3. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, no número 73, altera o nome deste sacramento, que era chamado de _____. Isso porque o sacramento não é exclusivo daqueles que estão nos últimos momentos da vida, mas pode ser recebido pelo fiel em _____, por causa de doença ou idade.
4. O ministro da unção dos enfermos é o _____, para demonstrar a comunhão da Igreja e o serviço aos que sofrem.
5. Esse sacramento _____ (pode/não pode) ser repetido durante a mesma doença, desde que se agrave o estado de saúde.
6. A matéria do sacramento é o _____, mas, caso seja difícil obtê-lo, é lícito recorrer a qualquer outro óleo vegetal.
7. As partes do corpo a ser ungidas são a _____ (que lembra o pensamento) e as _____ (que são os instrumentos da ação).
8. A _____ do sacramento é a seguinte: “Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos”.
9. O sacramento da unção dos enfermos deve ser conferido, preferencialmente, dentro da _____, que pode ser celebrada na casa do doente.
10. Todos os fiéis em perigo de morte têm obrigação de receber a _____, mesmo que seja em forma de viático. A sagrada comunhão deve ser ministrada na própria missa da unção.
11. A unção dos enfermos pode ser ministrada aos doentes privados de sentidos, desde que se saiba que seria de seu desejo receber o sacramento. O sacramento pode ser até mesmo conferido sob _____ (“Se estás vivo, ...”).
12. A presença de Deus (no silêncio, no toque e na oração) deve ajudar o _____ a se libertar, se necessário, do peso do pecado, salvar sua vida e erguer-se.

Sacramentos do Serviço: Matrimônio e Ordem

Complete as frases com base no CIgC, parágrafos 1533 a 1666:

1. A ____ é o sacramento pelo qual a missão salvífica de Cristo, confiada a seus Apóstolos, continua sendo exercida na Igreja, até a consumação dos tempos.
2. A palavra "ordem", no tempo dos romanos, designava um grupo constituído especialmente no sentido de governar. Na Igreja, a ____ é a integração a uma ordem.
3. A Ordem constitui-se apenas de um único sacramento, porém, composto de três ____: diaconato (diáconos), presbiterato (padres) e episcopado (bispos).
4. "Somente Cristo é o verdadeiro ____; os outros são os seus ministros." (Santo Tomás de Aquino)
5. O sacerdote, em virtude do Sacramento da Ordem, atua "*in persona Christi*", que significa _____.
6. O bispo é o legítimo sucessor dos ____, tendo o ofício de ensinar, santificar e reger. O presbítero, por sua vez, é destinado ao anúncio do Evangelho, à celebração dos ____, principalmente da Eucaristia, e a ser pastor dos fiéis. Já o diácono é ordenado para o ____ da Igreja.
7. Cabe somente aos ____ validamente ordenados conferir o Sacramento da Ordem, cuja matéria é a imposição das ____ e a forma é a oração consecratória.
8. Assim como Batismo e Crisma, o Sacramento da Ordem imprime ____, isto é, não pode ser repetido e, mesmo que o ordenado seja dispensado ou impedido de exercer suas tarefas, ele nunca voltará a ser leigo.
9. Deus, que é amor e criou o homem por amor, convida-o a amar e santifica a união do homem e da mulher pelo Sacramento do _____.
10. Toda vida cristã traz as marcas do amor de Cristo por sua esposa, a _____. Todo casal é chamado a espelhar esse amor e construir em seu lar uma Igreja _____, educando seus filhos na fé e levando ao mundo, em sua vida cotidiana, a verdade do Evangelho.
11. Os ministros do Sacramento do Matrimônio são os próprios _____.
12. O _____, ato humano pelo qual os cônjuges se doam e se recebem mutuamente, constitui a forma do sacramento do Matrimônio.
13. Os pecados graves contra o Matrimônio são o adultério, a poligamia, a rejeição da fecundidade e o _____, que transgredir sua indissolubilidade.
14. A Igreja admite a separação física dos esposos desde que a coabitação tenha se tornado inviável por motivos _____.
15. A Igreja não concede o divórcio ou anula um Matrimônio. Ela simplesmente reconhece que o sacramento nunca existiu, por diversos motivos, declarando-o _____.